

CASA DO MAR ABERTO

quando começa o texto?
ou a pergunta?
quem escreve?
2013: punções
trabalho arte y entorno
práticas do habitos
coletivos
individuais

ELEIÇÕES BRASIL

2016: o espaço entre: dimensões
TCC deslocamento, laços
casa-rua, México-brasil
2018 início do método
projeto sobre deslocamento
no espaço físico e pela linguagem
combinados pelas lógicas afetivas
que permeiam o habito

TOMAR NOTA
E BANHO DE MAR BANHO DE SOL BANHO DE LUA BANHO NORMAL
SUBJETIVIDADE E SOCIEDADE o que não cabe, escrever
CORPO SOCIAL - ESCRITA TRANSBORDA o que fica tb.
filosofia da interdependência
SONOS MAMÍFEROS Y GOSTAMOS

ENCONTRO É ENTRE CORPOS
HUMANOS, NÃO-HUMANOS

CONFLUÊNCIA, COLISÃO
CHOQUE, TROCA

VIVER É QUALIS ZERO

NEGOCIAÇÃO
CONVÍVIO
DISSERTAÇÃO
OUTRA RELAÇÃO COM A CASA
CORPO. SOCIABILIDADE
PRODUTIVIDADE

ALGUMEROS
E APERTOS
ABRAÇOS
falta de ar /
sufoco / punção
comissão / medo

CASADO MARABERTO

força de
líter com
CASA DE PRAIA
COMO REFÚGIO
o que
fica do
outro em
a casa é sobre de deixamos, mergulho
e outros? não
me pergunto registava para migração
pele não é
impermeável (ESPAÇO PARADOXAL)

propostas de encontros
memórias
VERÃO
INVERNO
SONHO INCONSCIENTE
PÚBLICO
VALE DA VÓRPA
PRIVADO
tema indistinta
memória dos sonhos
(TUCCI)

MOVÊNCIAS
como
EXCURSÃO
como fuga
do mundo
P FERIDAS
HST
que não
abrem
nem
fecham

PUBLICAÇÃO

EXPOSIÇÃO
ESTAR SOZINHA
COM OS CÂMPOS
UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS

ENCONTROS COM
OUTROS CORPOS
códigos de
conduta dos
artistas - palanões
mágicos
comícios
decorativos

2020

como habitos
mon do dentro
juntos?
quais histórias
em objetos, conteúdos, cheiros
COLETIVIDADE E SOLIDÃO
CONVÍVIO, DILUIÇÃO E ESTABE
LECIMENTO
PERMEABILIDADE DO ENTORNO
DE
LIMITES

ESCRITA
OCEÂNICA
NOTAS
FRAGMENTOS
SOPREPOSIÇÃO DE
MEMÓRIAS
LINHAS
TODO O
TRAJETO
é ESCRITA

rotina de casa
objetos, anos
PRESEÇA
E AUSÊNCIA
TEXTOS ANACRÔNICO
TEMPORALIDADE FLUIDA
HABITAR É VÁRIAS CAMADAS
como escrever
sobre o que
nos aconteceu hoje?

COMO PRODUIR COM AS RUÍNAS?
NUNCA
ACONTECEU
MENTES

CASA DO MAR ABERTO

isadora stähelin

dissertação de mestrado elaborada junto ao programa de pós-graduação em artes visuais, ceart/udesc, para obtenção do título de mestre em artes visuais.

orientadora: prof^a. dr^a sandra favero.

florianópolis, sc, 2020

Santos Stähelin, Isadora
CASA DO MAR ABERTO / Isadora Santos Stähelin. --
2020.
148 p.

Orientadora: Sandra Maria Correia Favero
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de
Pós-Graduação em Artes Visuais, Florianópolis, 2020.

1. Espaço (Arte). 2. Habitação e Convívio. 3. Ações
Micropolíticas. 4. Prática Artística. 5. Processos de Escrita. I.
Correia Favero, Sandra Maria. II. Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de
Pós-Graduação em Artes Visuais. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

CASA DO MAR ABERTO

isadora stähelin

dissertação elaborada junto ao programa de pós-graduação em artes
visuais - ceart/udesc para obtenção do título de mestre em artes
visuais, na linha de pesquisa processos artísticos contemporâneos.
florianópolis, 23 de julho de 2020.

banca examinadora:

orientadora: _____
profª dra. sandra maria correia favero (ppgav/udesc)

profª dra. maria raquel da silva stolf (ppgav/udesc)

prof. dr. rodrigo gonçalves dos santos (pósarq/ufsc)

profª dra. mônica hoff gonçalves (ppgav/udesc)

profª dra. lia krucken pereira (ppgav/ufba)

resumo: casa do mar aberto é uma dissertação-publicação de artista, elaborada na linha de processos artísticos contemporâneos, a partir de uma proposta de encontros, organizada pela autora, na casa de praia da sua família, localizada na pinheira, palhoça, sc. os encontros no mar aberto aconteceram mensalmente, de janeiro a julho de 2019, com o desejo de reunir artistas e não-artistas em um refúgio afetivo perto do mar, possibilitando articulações coletivas, práticas de habitação e convívio. esta dissertação apresenta casa do mar aberto enquanto desdobramento da proposta no espaço físico da praia: uma narrativa polifônica e fragmentada, que se desenha em um conjunto de notas, escritos pela artista e por participantes dos encontros. os textos e imagens aqui presentes estão relacionadas à experiência de *estar com* e habitar casa, corpo, página e o entorno-praia. a pesquisa, de caráter radicalmente qualitativo e processual, está situada nos tensionamentos e aproximações entre o mundo das artes, o espaço acadêmico e as linhas da própria vida.

palavras-chave: espaço (arte); habitação e convívio; ações micropolíticas; prática artística; processos de escrita.

abstract: casa do mar aberto is a research designed from a proposition of meetings at the author's family beach house, located in pinheira beach / sc. the writing of the dissertation was elaborated in a period crossed by a series of tragic events in the country's conjuncture. the meetings at the house's physical space emerged from those contexts and were realized from a desire to share with beloveds a safe place near the sea. this publication presents trace elements of the experience of inhabit and coexistness, with other essays related to the perception of the time. the text consists in a fragmented narrative about what remains from the experience of being with and inhabit a body, a page, a house and its beach-surroundings. the dissertation presents texts and appropriations from the meetings participants: artists and non-artists. the notes can be read as an exercise of tensioning and approaches among the arts world, the academic space and the lines of life itself.

keywords: space (art); housing and living together; micropolitical actions; artistic practice; writing processes.







CASA DO MAR ABERTO

o dia em que eu achava concha dupla ou concha colada, era dia de sorte. ninguém dizia “uau”, mas era sabido que era raro. em meio a trocentas conchas sozinhas, umas quebradas até, um primo gritava “olha essas duas coladas”. era um grande espanto familiar, mesmo na trigésima quinta vez. a gente jurava que dentro tinha um mundo, quiçá uma pérola {ainda desconhecíamos o domínio das ostras}.

e quando conseguíamos abrir as conchas coladas {era um desafio que requeria faca ou unha comprida}, vinha a surpresa do nada. puro ar. conchas guardavam ar. não era nada. mas era fôlego.

encontrar
submergir
emergir
escrever
mergulhar
deslocar
desenhar
transbordar
absorver
acalantar
festar
costurar
tarrafejar
lagartear
arejar
respirar
alentar
chorar
espalhar
espelhar
cavar
montar
desmontar
digerir
escutar
jogar
vazar
colher
limpar
derramar
inundar
naufragar
abraçar
dançar
afogar
afundar

a escrita
o corpo
a ressaca
o mar
a casa
o entorno
a tempestade
a página
o abismo
a ventania
a ruína
o brasil
a ferida
os colapsos
o mestrado
a propriedade
os aglomeros
o isolamento
as dunas
a restinga
os encontros
os cômodos
os utensílios
o programa
a fundura
a pedra
a terra
o afeto
as conchas
o doméstico
o público
a imensidão
as redes
o projeto
o qualis
o zero

praia do mar aberto
mar aberto surf shop
frutos do mar aberto choperia e petiscaria
associação de moradores da praia do mar aberto
associação do grupo da terceira idade
beira-rio/mar aberto/pinheira/palhoça/sc
residencial mar aberto
restaurante mar aberto
panificadora e sorveteria mar aberto
casa do mar aberto

uma maré enchendo em ressaca. a duna protegendo a casa.
o mar entrando nos sonhos. uma goiabeira, cheia de frutas.
minhocas e seus vários corações. três redes. um bigode. o
papel higiênico - todos os dias. as fotos de outras pessoas,
afetos chapados na superfície da tela. livros por ler, livros
lidos. as brigas dos vizinhos. os quatro bolos de cenoura. o
apocalipse no celular e a lua nascendo entre as aroeiras. as
sementes, a terra, o maracujá trepando, o amigo sozinho.
a morte no singular e as mortes do plural. as cadeiras.
a mesa. a janela. gente adoecendo e gente fazendo
pão. o álcool, pra beber e pra passar na mão, no corpo.



artistas vão à praia

miró fez ginástica perto do mar e foi fotografado com as pernocas pra cima na praia de mont-roig, 1940. dezessete anos depois, pintou uma cadeira e a exibiu em uma praia desconhecida. augusto e haroldo de campos se abraçaram dentro do mar, em santos, anos 40. sadamasa motonaga fincou madeiras com pregos em uma praia do japão, 1955. kazuo shiraga construiu uma estrutura arquitetônica vazada, com troncos dispostos ao redor do seu corpo, na praia de imazuham, 1955/6. e.m de melo e castro exibiu fotografias das pegadas de suas filhas na praia do faro no livro mundo mudando, escrito em 1961/2. lygia pape renasceu do seu próprio ovo no arpoador, 1968. robert smithson plantou árvores de cabeça para baixo na faixa de areia da ilha captiva, em alfred e em yucatã. pier paolo pasolini fez uma pintura na praia de skorpis e foi fotografado por maria callas, 1969. pancho guedes fotografou sua escultura de madeira em uma praia desconhecida na costa do moçambique, 1970. joão espiga e amigos lançaram uma escultura circular no mar em valadares, a açãoegotemponírico, 1972. robert rauschemberg e seu assistente colaram areia sobre caixas de papelão na ilha captiva, 1973. alberto carneiro desenhou retas na areia de uma praia e apagou as linhas com suas pegadas, 1973/75. manuel casimiro colocou uma laranja entre pedras de basalto na beira-do-mar, na praia da luz. fernando calhau desenhou um quadrado imaginário na costa de uma praia portuguesa. joseph beuys passou o solstício de inverno abaixo da linha do equador e desenhou um sol na areia da praia de diani, quênia. frans krajcberg fez uma impressão-relevo das ondulações da areia de nova víçosa. david hammons espetou varetas com pedaços de cabelo nas dunas de venice, 1977. hélio oiticica vestiu o parangolé jornal na praia de ipanema, 1978. cy twombly fez um buraco na areia da ilha de júpiter para usar como molde de uma escultura, 1992. fã clube do mondrian foi à praia com roupas de banho estampadas pela composição

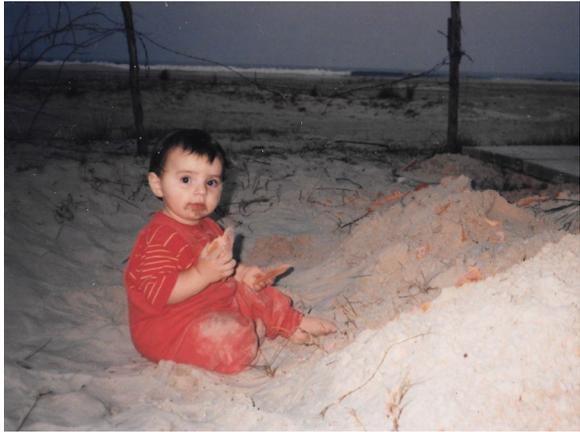
ll em azul, vermelho e amarelo, 1993. waléria américo sobrepôs tijolos acima do nível do mar, 2007. opavivará expôs cangas com frases de protestos de rua do ano, como: suruba não é formação de quadrilha, 2013. raquel stolf gravou vídeos e áudios do fundo mar em torno da ilha de sc e fez notas-desenhos, propondo tipologias de fundo do mar: mar paradoxo, 2013. juliana notari foi amarrada em um búfalo chamado mimoso e arrastada pela areia da praia da ilha marajó. o animal foi castrado e ela comeu o seu testículo cru, 2014. laura gorski fez um desenho intitulado: todo tempo está em suas mãos fosse um mar feito de uma só onda, 2014. também expôs um arquipélago de instantes e o mar em nós, 2017. joelson bugila instalou 1.250 bóias/macarrões em uma praia de natal: a plantação da forma do vento, 2014. sandra faverio apresentou estuário, produção entre a experiência em gravura e suas vivências na praia da daniela/sc, 2015. tomás cunha ferreira colocou cinco esferas coloridas na faixa de areia e fez um colar com flores de algodão-da-praia; maria palmeiro produziu um vídeo com dois travesseiros voando sobre a areia e raul mourão estacou uma bandeira do brasil, com o círculo vazado: a nova bandeira brasileira - ações do projeto vapor praia, praia do leme, 2019. yohanna marie realiza uma série de trabalhos sobre as águas no projeto: é o mar que você ouve em mim. linga acácio produziu uma série de exercícios de permanência no litoral cearense de serviluz, poço da draga e pecém. entre eles, o farol, a parede, o porto, 2017. aram bartholl produziu: a praia perfeita - artistas percorrem a praia de krabi phra nang com três fotos de praias saturadas e tropicais, populares como fundo de papel de parede de desktop e semelhantes a visão do paraíso cristão. convidou turistas para sessão de fotos com o plano de fundo saturado, 2018. o observatório-móvel lançou o jornal do zinga com notícias do bairro/praias dos ingleses, 2019. isadora stähelin nomeou a casa de praia da sua família de casa do mar aberto, 2019.

a casa e a família

a casa do mar aberto fica situada entre dois pontos mais famosos, e muito bonitos, a guarda do embaú e ponta da papagaio. a nossa praia só ficou conhecida como mar aberto muitos anos depois da construção da base da casa. havia apenas dois quartos minúsculos, um banheiro, sala e cozinha integradas. a família também pequena. éramos três. nesta época, a casa recebia muita gente e quando quartos e sala estavam cheios, armavam-se barracas à sua volta. depois, a casa cresceu para o lado: surgiu uma cozinha grande com uma mesa fixa de cimento em torno do qual nos reuníamos, sentados em banquetas de madeira, para as refeições e as conversas. surgiu também a suíte e uma espaçosa varanda para o mar. a casa crescia e a família também. já éramos quatro. anos depois, uma grande garagem atrás ganhou uma mesa de sinuca que foi a alegria da garotada por muito tempo. quando já éramos cinco, a casa que tinha parede, tinha teto, mas não tinha telhado, começou a sofrer com infiltrações de água na laje. as pontas de ferro, chamadas de espera, estavam lá para a construção do segundo piso, sonho há muito acalentado por otávio. tijolo por tijolo, a casa ganhou a forma atual, com uma grande varanda que permite ver o mar com mais amplitude. isadora, depois que foi morar longe do mar, na cidade do méxico, voltou cheia de saudade. parece ter olhado a casa e o mar de um outro jeito. recentemente, criou o projeto casa do mar aberto, que para nós é uma grande satisfação a casa ter se tornado também um espaço de arte, uma alegria conhecer e compartilhar momentos com tão talentosos artistas. a casa faz juz ao nome da praia e se abre para novas experiências. a casa está prestes a agregar novos puxadinhos! já a família parou de crescer há tempo! agora, crescimento só em novas gerações.

a casa e a praia

em 1989, comprei um pequeno terreno no meio da praia da pinheira, região hoje conhecida por mar aberto. na época, fui chamado de doido por querer estar naquele local sem acesso. a rua fomos abrindo, eu e os moradores que foram chegando. desde aquela época, todo mundo preferia as praias de florianópolis, que já eram mais badaladas, caras e tinham infra-estrutura pra receber os turistas. no terreno, decidi construir uma pequena casa, que com o passar do tempo foi aumentando e virando uma casa grande e bonita. a casa foi feita em umas cinco partes: primeiro, a sala e a cozinha conjugadas com banheiro, dois quatinhos e uma varanda. depois, o puxado pra fazer uma garagem. a rua fica atrás e o mar na frente, ou vice-versa, e as pessoas passavam por dentro da casa pra ir à praia. aí fechei essa garagem e transformei em suíte e cozinha grandes. lá por 1995, eu e meu pai fizemos uma cobertura pra proteger a varanda. eu falava “o pai, tá torto!” e ele dizia “pra quem é, tá bom demais”. a casa ficou uns 12 anos assim até que fizemos a nova garagem. com essa construção, a laje ficou grande e pude, em 2013, realizar o sonho de construir a parte de cima da casa. nas primeiras etapas da construção, nos anos 90, ia muita gente passar o fim do ano lá. quando a gente via, a casa tava cheia. uma vez, acordei pra ir ao banheiro e fui tropeçando nos amigos de amigos que estavam ali dormindo em colchonetes na sala. me assustei, porque não conhecia a metade. nessa época também, uma concunhada, a márcia, se dizia dona do segundo quatinho da casa. ela se instalava com todos os seus apetrechos: malas, cestos, alimentos e tudo o que podia carregar na sua bráslia amarela. junto com as transformações da casa, a praia também foi se transformando. muita gente foi ter casa lá. da palhoça, são josé, santo amaro, são pedro. os gaúchos e agora, os argentinos na temporada. no inverno, a praia ainda é um tanto isolada, com uns 10 mil habitantes, mas no verão tem mais ou menos uns 200 mil. depende do ano. muitas casas são construídas como pousadas, como lugares temporários, pro verão. a maioria aumenta a casa para alugar. no inverno, ficam mais os pescadores e os que saíram das cidades.



fotografia de praia

fotografia de paisagem impressa em orientação paisagem: uma praia em dia ensolarado com águas cristalinas cor azul-turquesa e coqueiros perto do mar. talvez, uma praia do caribe: ninguém sabe ou quer saber. desde 1998, está exposta na mesma parede branca da sala, perto da nossa senhora esculpida em madeira e do quadro de uma praia em sidney - lugar que também nunca fomos. em um dia de tempestade, quando eu tinha 10 anos, pedi pra um primo me retratar com a fotografia solar no plano de fundo. a ideia era parecer que havia me deslocado pr'aquele lugar paradisíaco. recentemente, nosso vizinho plantou coqueiros, como os da foto, perto do mar. eles murcharam.



espelho de conchas

espelho com moldura de madeira coberta por 280 conchas, encontradas no entorno do espaço expositivo. desde 1997, a obra é escrita através dos procedimentos de caminhada, coleta e colagem. desde então, está exposta ao lado da porta de entrada ou saída da casa, afastando o mau-olhado. a obra espelho-de-conchas só é concretizada com a participação do público, sendo constantemente ativada pelo reflexo de ações plásticas, como: depilação, limpeza de pele, aplicação de protetor solar e maquiagem, checagem do bronzeado e marquinha de verão. o público realiza também, selfies e nudes frente ao espelho, que são utilizadas nas redes sociais, ampliando os espaços de exibição e circulação do trabalho.

contar a história

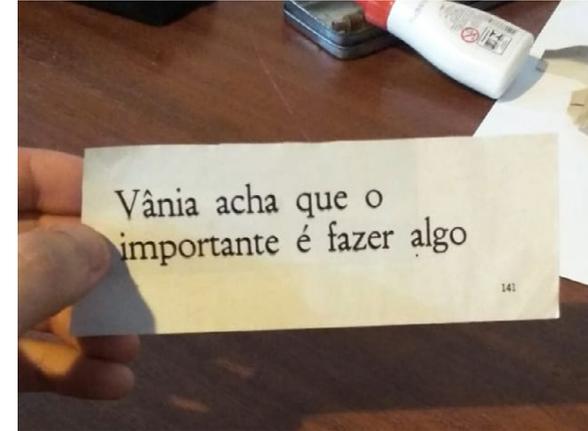
a idade de uma árvore está escrita nos seus anéis e a idade de uma concha, em suas cordilheiras. cada ondulação do exoesqueleto é formada em um ano. existem conchas anciãs, que presenciaram a chegada dos portugueses e todas as tragédias subsequentes. em uma tarde qualquer podemos escutar os testemunhos da casa marítima e lembrar que pisamos em terra guarani.

tijolos do mar

190 tijolos do mar expostos em sequência alinhada sobre a mesa da sala. cada tijolo foi encontrado na faixa de deixa, lugar onde moram as tatuíras e castelas. ali, o mar deposita suas conchas, pedaços de carvão, madeiras e plásticos. os tijolos parecem pedras com diferentes tons de laranja, polidos com o tempo de rolamento nas águas. guardo, imaginando construtores, ruínas, distâncias, remetentes.

oráculo

abri meu caderno na primeira página e anotei o que precisava pra abrir também, os meus caminhos. no meio da lista escrevi: 9 pedras escolhidas em lugares diferentes. antes do isolamento, coletei 1 pedra na praia do sonho, faltam 8. as outras páginas seguem em branco.



ponte

conversei com seu antônio, farmacêutico aposentado, que veio do recife e passa as tardes embaixo da ponte pescando corvina. me contou, que os seus grandes inimigos são os bagres, porque comem a isca e vão embora - cada isca custa 90 centavos. contei que meu pai sempre pesca sem isca, com tarrafa, e que uma vez, a praia toda parou: em uma única tarrafada foram 110 tainhas. nós, as filhas mulheres, sempre acompanhávamos a pesca com sacolas para guardar a comida. e era a mãe quem ficava responsável por escamar o peixe no mesmo tanque que lavava a roupa. eu e minha irmã decidimos não comer mais carne. mas quando a tarrafa arrebenta, ainda acompanhamos a costura dos buracos com agulha e náilon. seu antônio me deu um anzol de lembrança e disse que o papel é importante, mas estar em contato com a realidade é mais.



fotografia de ventiladores

no museu histórico de são josé, o celular nokia tijolão é exibido como peça do passado. logo, serão os ventiladores de mão. antes que entrem em extinção, gabriel fotografou todos os que habitam a casa mar aberto.

levo pedras

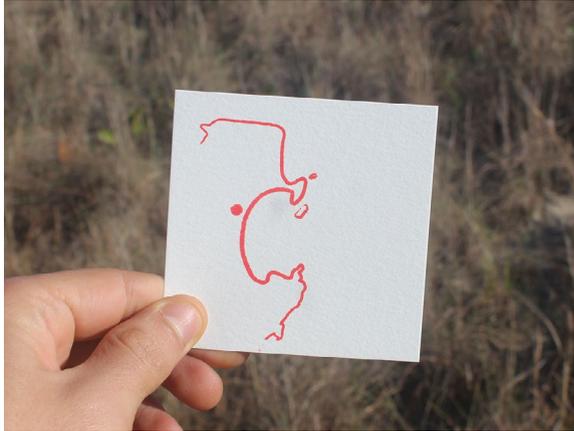
escolho o livro pela lombada. gosto dos fininhos, de fonte pequena, os quase imperceptíveis da prateleira. tenho curiosidade pelo formato e pelo título. peguei um agora, que se chama: começar e o fim. escrito também por uma dora, a ribeiro. abro o livro, olhando pro horizonte. cuido pra não ler as palavras antes de escolher o lado. esquerdo, por previdência. pág. 34. um poema curto, que ocupa pouco do branco: levo pedras nos sapatos / e preciso inventar um passado / sempre que a tua mão sobrevoa a minha / imitando um vôo sem destino / levo pedras e uma cabeça litoral e oceânica / a mesma que vi no amadeo / levo pedras / e tenho olhos verdes de muitas tristezas / e o colorido mais fiel que já vi. repito a frase, passando os dedos na página: levo pedras e uma cabeça litoral e oceânica. anoto com caneta preta em uma folha solta: levo pedras e uma cabeça litoral e oceânica.

colher bananas

a banana do quintal é mais doce do que a banana do mercado, porque é colhida no tempo certo. muitas pessoas da cidade não sabem: o tronco da bananeira não é tronco, é folha, e precisa ser cortado na colheita. com o cacho em mãos é bom colocar alguma coisa embaixo pra não escorrer a seiva no piso. depois, colocar as bananas junto com as maçãs pra amadurecerem mais rápido. ministrado por fabio luis.

papéis de parede

são textos/imagens em papel, colados com fita crepe ou fita dupla-face sobre a estrutura da casa. a cada período, um novo conjunto de papéis é exposto. há anotações, relatos, instruções e trechos de conversas. a constante ação de montar e desmontar o conjunto de papéis é parte constituinte da escrita do trabalho. a obra, em constante movimento, se propõe como um diário dos mares de dentro. a nova seleção está exposta aqui. o período de visitação é o tempo de leitura.



aulas do mar

não menstruei no final de dois mil e dezoito. achei que estava grávida, mas só capturada pelo clima das eleições. de vez em quando parece que todas as feridas mal cicatrizadas do brasil se inflamam e a gente responde às urgências, perdendo fôlego. nesse mesmo período, na contra-mão das durezas, aconteceram dois epsódios: uma caminhada até o gravatá com a turma da sandra em um dia ensolarado, ouriço no pé, esculturas em formato de estrela, comida no rancho de pescador do pai da kamila. depois, convidei amizades pra passar alguns dias na casa de praia, fazendo caminhadas entre o sonho e o vale da utopia. decidi repetir esses encontros por necessidade corporal e anímica.

performance pesca

a performance começa com a leitura do dia: é preciso luz pras escamas brilharem. os peixes se aproximam da costa quando é vento nordeste ou sudeste, que deixa a água quente. também no sudeste, o mar fica mais claro, facilitando a visão. no ombro esquerdo carrega a tarrafa e na boca ferida, um pedaço da malha. com água na altura do plexo solar permanece imóvel, fitando as ondas com atenção. quando um cardume aparece por baixo da crista realiza três movimentos com o braço, soltando a malha dos lábios e lançando todo o peso que carrega no mar. a trama abre circular no céu e afunda na água. em seguida, a tarrafa é conduzida até a beira-do-mar e os peixes são expostos na areia. o público se aproxima pra ver e participar da distribuição dos múltiplos, que são embalados em sacolas plásticas. outros peixes seguem agonizando na areia, alguns são enterrados pra proteger do sol. quando nenhum peixe é capturado, ele volta a colocar a tarrafa no ombro e recomeça a ação. repete, porque faz-o-que-gosta, mesmo com a possibilidade de frustração pela falta de público ou peixes.

fazer tarrafa (modalidade ead)

recebi a faixa sonora no grupo da família com a instrução: ô isa, tens que fazer quarenta, sessenta mais ou menos, sessenta casas da tarrafa primeiro e onze crescentes. o nó tu pega a agulha, passa por dentro do laço, segura o nailón e dá volta em redor daquele laço e fecha. vê se deu pra entender. ministrado por meu pai, que aprendeu acompanhando o meu tio-avô joão, costureiro de tarrafa.

bicicleta

os pescadores do mar aberto se comunicam no grupo do whats pra avisar onde tá dando peixe. assim que surge um alerta, cada um pega a sua bicicleta e vai até o ponto de encontro. como em um motoclube da praia, um biciclube, as bicletas são uma forma de reconhecimento entre os pescadores. todas possuem um balde-cesta pra colocar a tarrafa e os peixes. a identificação do grupo se dá também no figurino: óculos de sol, boné, blusa de surf e sunga. quando os visitantes da casa do mar aberto andam com a bicicleta de pescador recebem mais acenos de pessoas desconhecidas. eu uso a cesta pra coletar tijolos e escrever essa publicação.

abertura

agradeço a presença. achei melhor colocar no papel. antes de me esquecer, antes de dormir, antes de morrer. é tanta coisa, que nem sei. só consigo escrever quando acordo e antes de dormir, porque meu corpo ainda está longe das falações, do nevoeiro. li essa frase em algum lugar: faço tudo o que quero e dá, como também o que precisa.

a pesquisa acadêmica merece tomar um banho de sol. apresento aqui uma exposição, que se desenha vivendo, um conjunto de fragmentos do que persiste em brotar. os tempos de água frutada e amendoim ruíram. quem dirá, vinho e canapé. guardo a cachaça pra compartilhar, quando tudo isso passar.

carão pra selfies (iniciante)

oficina de autorretrato focada no rosto. como escolher as melhores expressões pra uma boa selfie? a dica básica é um bom ângulo: de cima pra baixo, meio de lado, mostrando apenas uma orelha. a boca de pato, com um biquinho leve e um espaçamento entre os lábios, que caiba uma moeda de 50 centavos. é bom fechar um pouco os olhos, como se estivesse sorrindo com o olhar, mas sem exageros. colocar o rosto pra frente pra não ficar com papada. jogar a juba pra cima e lembrar, que o cabelo é a moldura do rosto.



escamar

ação de esquarteramento realizada na pia da cozinha ou no tanque de lavar roupas: segura o rabo, corta as barbatanas e movimenta o facão no sentido contrário às escamas, que se espalham em um diâmetro de até três metros sobre o piso. os restos mortais não-comestíveis, como a cabeça, são devolvidos ao mar para alimentar os siris. esse processo de devolução acontece apenas a noite, quando não há nenhum ser humano na praia, evitando o ferimento dos pés. às vezes, os restos mortais são colocados dentro de uma cova nas dunas, mas os cachorros da praia costumam descobrir. outra possibilidade é guardar dentro de um pote de sorvete no congelador e decidir o destino depois. assim como outras práticas escatológicas do trabalho doméstico, essa performance é realizada por uma mulher e não recebe aplausos. mesmo depois de varrer, algumas escamas seguem revestindo a casa.



postura pra selfies (avançado)

essa oficina parte do entendimento de que a selfie não é direcionada apenas pro mundo digital, mas também ao passantes, que olham a pessoa se autorretratando. simplificando: não adianta fazer uma pose bonita pro celular e aparecer estranho no entorno. uma dica importante é flexionar uma perna, ainda mantendo os pés no chão, e colocar a outra mão na cintura. ministrado por silfarlem oliveira. pré-requisito: participar das oficinas de carão pra selfie com isadora.



contenção de água

não é possível fechar o chuveiro, a água escorre sem cessar. os amigos são acionados e a ação de contenção começa a acontecer. nenhuma das tentativas funciona. fechamos o registro geral e colocamos uma vassoura pra fechar o registro interno. mesmo com o risco de choque, colocamos um pano pra cobrir o chuveiro e estancar a água. os baldes no chão vão sendo trocados, evitamos o desperdício. quando a força da água vence a nossa força de vontade é preciso deixar alagar. sentar no sofá e submergir por um tempo.

relato de um naufrago

encontro o livro do gabriel garcía márquez, relato de um naufrago. a capa da 13ª edição da record vem com a pintura de um barco e logo, o título com a descrição: relato de um naufrago que esteve dez dias à deriva numa balsa sem comer nem beber, que foi proclamado herói da pátria, beijado pelas rainhas da beleza, enriquecido pela publicidade, e logo abandonado pelo governo e esquecido pra sempre.



mercado de arte contemporânea se mantém em alta

Faturamento foi de 1,8 bilhões de dólares, o dobro de uma década atrás. Apesar da desaceleração econômica e dos ventos protecionistas, o mercado de arte contemporânea ainda está em expansão, liderado por Basquiat, Koons e Kaws, que compartilham quase 20% dos resultados anuais, segundo o relatório da Artprice. Entre 1 de julho de 2018 e 30 de junho de 2019, foram realizados 284 leilões milionários, com 71.400 obras vendidas, ou seja, 195 diárias, de acordo com o relatório transmitido exclusivamente à AFP por esta empresa líder mundial de informações sobre o mercado da arte. As obras pertenciam a 21.996 artistas, quase o dobro de dez anos atrás. “Com a retração do crescimento, mas também o veneno do protecionismo, é raro ver um mercado tão otimista, maduro e estável”, disse o presidente da Artprice, Thierry Ehrmann. O “Fine Art” - pinturas, esculturas, instalações, desenhos, fotografias, gravuras e vídeos de artistas nascidos após 1945 - representam 15% do mercado global de arte, atrás da arte moderna (43%) e da arte do pós-guerra (24%). O faturamento foi de 1,8 bilhões de dólares, o dobro de uma década atrás. Os Estados Unidos e a Ásia representam 66% desse valor, segundo o relatório. Os três pilares econômicos desse mercado são os artistas americanos Jean-Michel Basquiat, Jeff Koons e Kaws, que compartilham 19% dos resultados mundiais. Apenas 12 mulheres estão no top 100 do faturamento, entre elas a americana Jenny Saville, a britânica-americana Cecily Brown e a americana de origem etíope Julie Mehretu. Nova Iorque continua sendo o epicentro dessas vendas, gerando um volume de negócios 17 vezes maior que Paris e o triplo de Pequim e Hong Kong. Este último avança fortemente, concentrando 46% do mercado asiático e 14% do mercado mundial (G1 - 07/10/2019).

conjuro solar

ação para realizar em dias nublados / nebulosos: desenhar um círculo ao redor do corpo na areia da praia, repetindo a palavra SOL em voz alta. girar no próprio eixo até que o sol apareça e o desenho seja finalizado. ministrada por mim, que aprendi quando criança com a minha tia matusaki (hoje acredito que a instrução era uma forma de manter as crias ocupadas, quando o dia não dava pra banho de mar. era mágico, porque funcionava, funciona. pode até demorar, mas uma hora vai / vem).

pedra

pedra polida em formato de lança, exposta na mesa onde escrevo, ao lado do copo d'água, caneta, rascunhos, chimarrão e celular. encontrei o objeto perto da casa, na foz do rio maciambu, região de entrada ou saída do caminho de peabiru, aquele que ligava o oceano atlântico aos andes. por ali, os guaranis trocavam sal e conchas por feijão, milho e penas dos índios do sertão e por cobre, bronze, prata e ouro dos incas. hoje, a estrada do peabiru é cortada por pequenos terrenos, latifúndios, mata fechada, construções. as aldeias da baixada seguem resistindo, com um espaço de terra reduzido e falta de acesso ao rio. mientras tanto, há um projeto turístico de reativação do caminho: peabiru, o santiago de compostela brasileiro.

bicha chega

BICHA, CHEGA! é um jogo de conhecimentos gerais, organizado na casa do mar aberto, a partir de uma adaptação descolonial do “stop!”. outra definição é “jogo salutar para criar uma egrégora”. todas as jogadoras, amigas lgbtqi+ e héteras aliadas, recebem um papel. o jogo consiste em desenhar uma tabela com tópicos: cada coluna recebe o nome de uma categoria de palavras do mundo das artes como: artista, museu, linguagem, cor etc. cada linha representa uma rodada do jogo. a primeira que conseguir preencher todas as colunas imediatamente grita: “BICHA, CHEGA!!” e assim, as outras participantes interrompem o preenchimento de suas tabelas e é começada a análise das respostas e a contagem de pontos. o término da brincadeira muitas vezes é indefinido ou inatingido. na argentina, chamam o jogo de: basta para mi, basta para todas.

museu com n:

museu nacional

cor com d:

degradê

artista com b:

blasé

lugar com q:

qualquer



artista

curadora cuidadora doméstica. guia turística de cômodos.
articuladora de ajuntamentos. colecionadora de litoral art.
escritora de restos. antropofágica de obras. desenhista de
topias. habitante daqui.

linha

dez óculos de sol alinhados sobre o vão da janela. cada um deles foi pescado no mar, em diferentes dias. os modelos são variados: coloridos, polarizados, enferrujados, transitions. quem quiser, pode usar. não tem dono.

barco-vulva

o barco-vulva é a obra humana mais representativa do quintal da casa do mar aberto. a escultura consiste em troncos cortados, dispostas ao redor de uma aroeira viva, formando um desenho entre o oval e o losângulo. segundo o artista (meu pai), a escultura é a representação de um barco, porque estamos na praia. no entanto, parte do público visitante declara que a obra parece uma vulva. além do caráter utilitário de demarcação do quintal e proteção das hortaliças, essa escultura, de figuração dúbia e instigante, nos propõe uma nova relação com os movimentos de chegada, desembarque, nascimento.

banho de mar

o mar não é só o que se vê. importante dimensionar o corpo humano e o corpo oceano. perceber se ele convida, expulsa ou permite, com ressalvas.

ONDAS PEQUENAS: BOIAR

ONDAS DO TAMANHO - CORPO: ENCARAR

ONDAS MAIORES: MERGULHAR

jogo de olho

[07:13, 16/11/2019] sofia: Oi minha linda

Prometi a receita. O segredo de qualquer receita de macarrão é os ovos, precisam ser frescos e de galinhas saudáveis. 400g de farinha tipo 00 75g de semolina 12 ovos 2 colheres de óleo de oliva Eu gosto de fazer direto na tábua limpa, misturando a farinha 00 com a semolina Faço um buraco no meio da farinha, adiciona as gemas dos ovos, 4 colheres de água gelada e o óleo de oliva Bato com um garfo até o líquido se misturar, e daí devagar incorporo a farinha Vai chegar um hora que você vai ter que largar o garfo e usar as mãos. Eu sempre esqueço de tirar meu anéis, mas é importante hahahaha Eu misturo com as mãos até eu sentir que a massa está macia e elástica, quando você afundar o dedo com força, a massa deve voltar Se ela estiver muito seca, pode adicionar água, muito molhada pode adicionar farinha É um jogo de olho Quando chegar na textura desejável, eu embrulho em filme e deixo descansar na geladeira por 30 hora Quando chegar a hora de esticar, uma mesa limpa, polvilhada com farinha e a máquina limpa e pronta. O segredo é usar a farinha como uma barreira, garantindo que não grude, pode ser bem generosa Quando estiver na hora de ferver, o segredo é uma panela com bastante espaço para a pasta de movimentar, fervendo com força e salgada que nem água do mar

ditadura

verão. meu pai chegou em casa e recebeu um aviso de recrutamento do exército, ordenando fazer parte do batalhão de escolta do presidente geisel. não teve escolha, tempo e nem possibilidade de se despedir ou conversar com os afetos. deixou recado no vizinho. a família estava acampando na praia do sonho. a ressaca das festas de fim de ano veio acompanhada da notícia. foram meses sem comunicação até conseguir trocar cartões postais entre a secura de Brasília e as águas daqui. mais de uma década depois, ele comprou um terreno na praia do mar aberto, ao lado da praia do sonho.

terminal

sonhei que a gente tava dormindo na sala e um comandante nos acordou, convocando pra um alistamento no ticen. fomos correndo, rindo, tropeçando, gritando: volta, Bolsonaro. a gente tinha que cantar o hino nacional e fazer os cumprimentos, mesmo sem máscara. como precaução cumprimentei o comandante com o pé. ele me fitou e entendi, que haveria punição. acordei e passei um tempo analisando o teto: branco, quadrado, com sujeira, paranho nos cantos.



pandemia

Pandemia de coronavírus pode durar até dois anos, diz agência de saúde na Alemanha; Bolsonaro descumpra orientações médicas e vai a ato; Shoppings brasileiros reduzem horário de funcionamento em meio à pandemia; Bolsonaro diz que há 'superdimensionamento' em relação ao coronavírus; Bolsonaro diz que, com coronavírus, Brasil dificilmente vai crescer 2%; De máscara, Bolsonaro anuncia mais um ministro infectado pelo coronavírus; Nem 10% dos tuítes de Bolsonaro falam sobre ações contra o coronavírus; Secretário da Economia que viajou com Bolsonaro está com coronavírus; Brasil pode ter até 4,9 mil casos oficiais de covid-19 dentro de 8 dias; Contra epidemia de coronavírus, Brasil precisa parar, afirmam especialistas; Coronavírus: cinco provas de solidariedade e esperança em meio à pandemia; Mais de 200 mil casos de coronavírus e 8 mil mortes em todo o mundo; Especialistas questionam método de contagem do coronavírus no Brasil e temem número muito maior de doentes; Coronavírus: como preservar a saúde mental durante a pandemia; Vigésimo dia de coronavírus no Brasil é pior que o da Itália; Brasil pode ter aumento rápido de casos; Bolsonaro cobra discurso político de Mandetta em pandemia do coronavírus; Ida de Bolsonaro a ato em meio a pandemia de coronavírus é irresponsável, dizem parlamentares; Após OMS declarar pandemia, Bolsonaro volta a falar sobre coronavírus: 'Outras gripes mataram mais do que essa'; Com pandemia, Brasil pode crescer apenas 0,7% em 2020, prevê banco; Coronavírus no Brasil: como será a segunda-feira em cada estado após medidas para conter a pandemia; Brasileiros não estão levando risco a sério, afirma diretora da OMS; Pandemia pode causar desemprego de 25 milhões de pessoas e aumentar pobreza; SP registra primeira morte por coronavírus no Brasil; Devido a pandemia do coronavírus, Anitta cancela festa de aniversário; Coronavírus: como conter a ansiedade na pandemia.



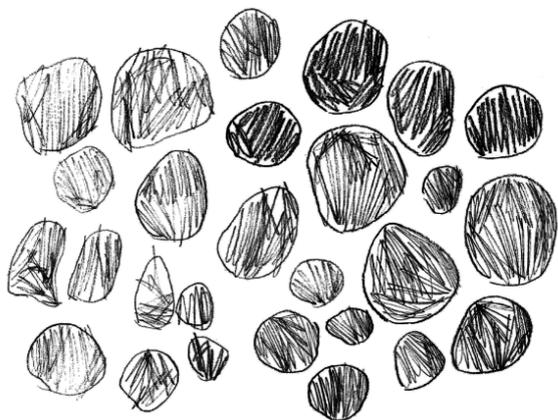
casa do mar aberto

a casa é casa, publicação, exposição, concha, diário, corpo aberto, esboço, corpo social, corpo junto, escrita oceânica. mi casa, su casa; pessoal-político; fazer da propriedade privada, uma privada-pública ou semi-pública; ficar de frente pro mar e trocar olhares com alguém da namíbia; cavar uma vala na terra plana e fugir pra kawai; habitar uma casa vazia fora de temporada; compartilhar um veraneio barato; fazer da prática artística, rotina doméstica; estar em uma casa com artistas e não-artistas; desmontar a residência artística, a programação, a necessidade de produção; misturar a hora do fechamento, da ação educativa, da conversa com artista; escrever, fazendo faxina e limpando o vaso do banheiro; habitar aqui e lá, ao mesmo tempo e em outros tempos.

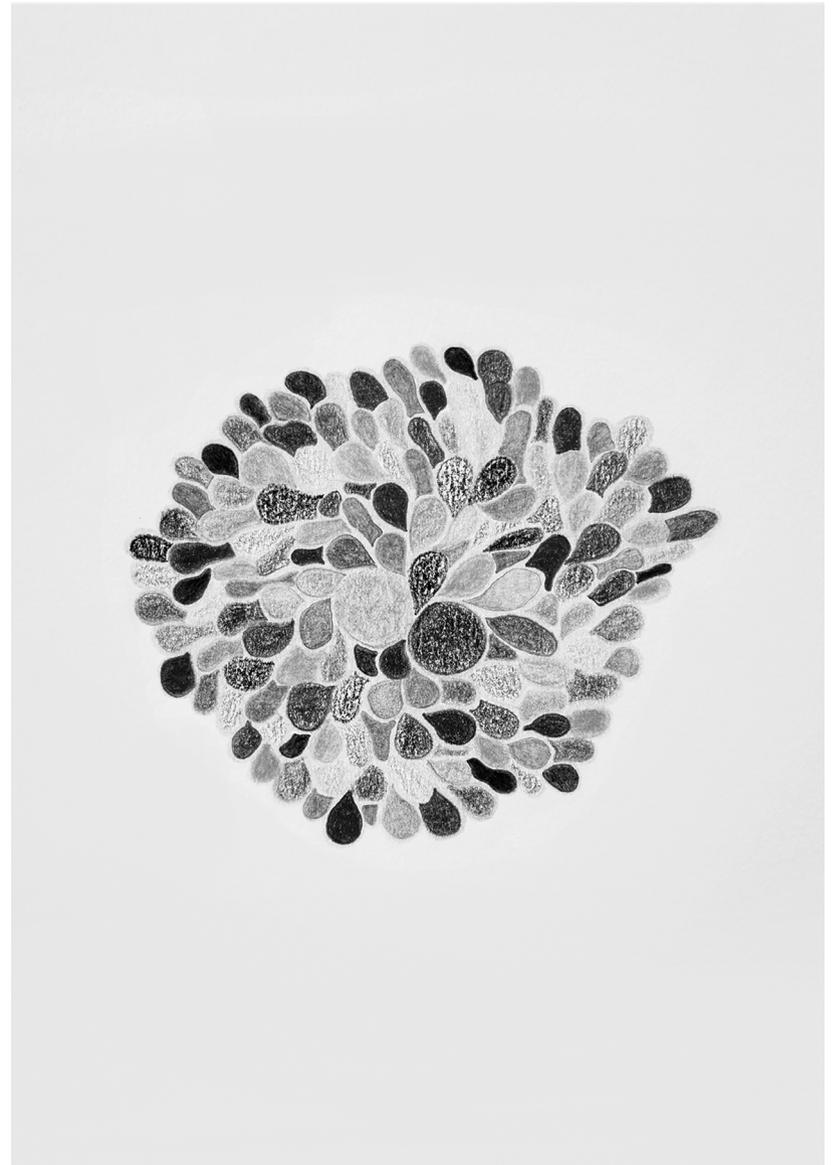


O mar vem abrir a manhã, sem usar faca, bem aqui nessa varanda. Nós escapamos de um naufrágio, estamos tecendo um tempo de brisas por debaixo desse céu espesso, que manda vento e incertezas. Sobrepueram casacas, coturnos, desiluminaram os nossos olhos com as sombras das falas fascistas; mas nós, aqui, vestimos lentes cor de mar, que nos ajudam a manter as pupilas funcionando, as salivas prontas para disparar discursos pacifistas. Sabemos brincar. Viemos ouvir os sussurros de um tempo caracol, quando se pode dividir uma comida debaixo de um véu de conversas. Nós conversamos com os passarinhos e eles nos desviam do assunto que somos: esses nós de eletricidade e resistência, sempre fulgurantes para as citações. Nós queremos nos esvaziar das promessas dos políticos e das normas ABNT, sob esse sol que não faz cócegas. Por isso, trocamos livros, gelamos as bebidas e lavamos bem as nossas mãos para fundar a massa sobre uma mesa de granito; a massa que nós acariciamos como se fôssemos veros Oxalás moldando seres humanos. E criamos um futuro onde se pode pensar, dançar ao sol e fazer sexo anal sem cerimônias. Somos como a areia nua que muda de lugar a toda a hora. Nós não nos adiamos mais. Nessa conversa, inventamos terremotos para o passado daqueles que não nos querem por perto. Sopramos. Alguns raios nos abismam. De caronas e de ônibus, com as velas em popa, a pé na praia carregando uma garrafa, a tempestade vem para nos acariciar. Mas não temos medo. O mar abre a noite, sem usar faca. E nós nos aproximamos ao redor da luz e cantamos parabéns. Sabemos que os nossos humanos recém paridos irão dar frutos, mas não temos expectativas. Apesar da tempestade, sobrevivemos ao naufrágio das falas fascistas. Agora, podemos nos abraçar e dormir todos juntos na sala bagunçada.

Levaram conchas pra
enterrar em lajes afim
de enganar os arqueólogos
do futuro que ali era mar



a tempestade gelada em maio as leva de um litoral ao outro pro quinto encontro na casa do mar aberto. cortam cabelos papéis e legumes e os servem na mesa com feijão grafite giz e aquarela. se encaixam abraçadas nas côncavas dunas da praia e rolam abaixo. suspiram alto igual aos passarinhos sobrevoando as dunas e casas numa rota inteira. a lua aparece laranja gigante e deitada enquanto o vento que limpa as nuvens bate na cozinha na sacada na praia. dividem colchão na luz amarela baixa. o chuveiro descontrolado com força deságua no andar de baixo e chora baixo de suspirar.



Sentir a brisa forte que vem do Sul, olhar além-mar e perceber que, atrás daquele morro tem um barco que liga a terra ao mar. O barco é do pescador barrinha, um pescador lá da Caieira - disse Otávio. E como é longe por terra e perto por mar! Não tem como acalmar o coração de quem vê longe e chega lento, mas por causa do vento às vezes não dá pra navegar. Da próxima, irei de barco, com panela, mordentes, bambus e redes de pesca. As plantas? Eu coletei na restinga. Poderei encontrar novas espécies nativas e exóticas com possível potencial tintório. É isso que o mar aberto contém, ativa e propõe.

Descobrir o perto que está longe e o longe que está perto, rever sua morada de longe, reescrevê-la através de plantas que estão presentes cá e lá. A rede de pesca que agilmente são remendadas e recosturadas por mãos cheias de história, quantas coisas elas viram, sentiram, fizeram e pescaram? Quantos tecidos elas enrolaram, prensaram, extraíram e tingiram? Objeto remendador de histórias que é tramado e trama por nós, que cria e é criado, que sustenta famílias, que sustenta sonhos, que pesca peixe e tingem roupa. Ao reescrever a morada vi plantas iguais às da Ilha, mas desconhecidas para mim. O saber popular estava lá, eu o encontrei: “Planta que o pessoal de São Paulo vem pegar”, “Planta que é boa pra dor muscular”, “Essa tem cheiro de cânfora”, “Essa é a macela”, “Essa usamos pra temperar comida”. Eu as vi, e já as tinha visto, mas não pareciam as mesmas. Havia algo a mais, consegui redescobri-las através das histórias do seu local. Minha percepção se modificou, retribuí com algumas sementes de flor cosmos semeadas pelo quintal do mar aberto, que floriram e irradiaram-se pelo local. Deixando um pouco de mim lá, e trazendo um pouco de lá pra cá.

Cara de mar aberto, sob brumas, na brisa dos abraços o corpo jogado ao ar, respirando cores, como se fosse um algo, assim, seus adjetivos – embaralhados dentro do estojo, os tocos de giz já sujos pela maresia, as cores de mãos dadas com a manhã, as noites submersas, o riso-naufrágio com botes escoltando o nado, para fora de um país todo destroçado, para dentro o mar aberto voando como fé, como nada, intangível, sem futuro, só com esses pés na areia do seu corpo, o úmido.

ouça os suspiros das pedras

DIÁLOGOS SOBRE ARTE E POLÍTICA

**COMO ACABAR COM A
TIRANIA?**

MUITA ARTE E PUTARIA.

**COMO ACABAR COM
A PUTARIA?**

MUITA ARTE E TIRANIA.



Ficaram metades
Dias de sol, dias de mar
Cama, mesa e banho

Faltou refrão
Manjerição
Cheiro e Gim

Expira
Inspira

.

Tá!
Beijos de bocas
Abraços de Pernas

Fotos de tudo

Não poeta
Não artista
Me senti bem

Estava tudo lá
Sem modelo
Processo

.

Tá!

E de novo me vens e me contas do mar aberto das costas de tua terra, do vento gelado soprando desde o pólo, nos invernos, sem nenhuma baía, nenhuma gaivota ou albatroz sobrevoando rasante o cinza das águas para mergulhar, como certa vez, em algum lugar, rápido iscando um peixe no bico agudo, mas essas outras águas que lembro eram claras verdes, havia sol e acho que também um reflexo de prata no bico da ave no momento justo do mergulho, nessas águas de que me falas quando me tomas assim e me levas para histórias ou caminhadas sem fim não há verde nem é claro, o sol não transpõe as nuvens, e te imagino então parado sozinho entre a faixa interminável de areia, o vento que bate em teu rosto, as mãos com os dedos roxos de frio enfiadas até o fundo dos bolos, o vento e novamente o vento que bate em teu rosto, esse mesmo que não me olha agora, raramente, teu olho bate em mim e logo se desvia, como se em minhas pupilas houvesse uma faca, uma pedra, um gume, teu rosto mais nu que sempre, à beira-mar, com esse vento a bater e a revolver teus cabelos e pensamentos, e eu sem saber que me envolve agora quando teu olho outra vez escorrega para fora e longe do meu, entre tua testa larga de onde às vezes costuma afastar os cabelos com ambas as mãos, numa mistura de preguiça e sensualidade expostas, e quando teu olho se afasta assim, não sei para onde, talvez para esse mesmo lugar onde te encontravas ontem, à beira do mar aberto, onde não penetro, como não te penetro agora, mas é quando a pedra ou faca no fundo do meu olho afasta o teu é que te olho detalhado, e nunca saberás quanto e como já conheço cada milímetro da tua pele, esses vincos cada vez mais fundos circundando as sobrancelhas que se erguem súbitas para depois diluírem-se em pêlos cada vez mais ralos, até a região onde os raspas quase sempre mal, e conheço também esses tocos de pêlos duros e secretos, escondidos sob teu lábio inferior, levemente partido ao meio, e tão dissimulado te espio que nunca me percebes assim, te devassando como se através de cada fiapo, de cada poro, pudesse chegar a esse mais de dentro que me escondes sutil, obstinado, através de histórias como essa, do mar, das velhas tias, das iniciações, dos exílios, das prisões, das cicatrizes, e em tudo que me contas pensando, suponho, que é teu jeito de dar-se a mim, percebo farpado que te escondes ainda mais, como se te contando a mim negasses quase deliberado a possibilidade de te descobrir atrás e além de tudo que me dizes, é por isso que me escondo dessas tuas histórias que me enredam cada vez mais no que não és tu, mas o que foste, tento fugir para longe e a cada noite, como uma criança temendo pecados, punições de anjos vingadores com espadas flamejantes, prometo a mim mesmo nunca mais ouvir, nunca mais ter a ti tão mentirosamente próximo, e escapo brusco para que percebas que mal suporto a tua presença, veneno, veneno, às vezes digo coisas ácidas e de alguma forma quero te fazer compreender que não é assim, que tenho um medo cada vez maior do que vou sentindo em todos esses meses, e não se soluciona, mas volto e volto sempre, então me invades outra vez com o mesmo jogo e embora supondo conhecer as regras, me deixo tomar por inteiro por tuas estranhas liturgias, a

o mar aberto as costas a terra o vento
gelado os invernos a gaivota
o cinza as águas
o peixe as águas
o sol
o momento o mergulho as águas
as caminhadas
o sol as nuvens o sozinho
a areia o vento as mãos os dedos
o frio o fundo o vento o vento
o agora
as pupilas a faca a pedra
o vento o agora
os pensamentos o longe
o olho os cabelos as mãos a
o talvez o lugar o ontem o
preguiça o olho
mar aberto o não o agora a pedra
o fundo o olho o olho o nunca
a pele
as sobrancelhas o s
pêlos a região o quase
inferior os pêlos os secretos o lábio
o meio o nunca
o através o
dentro
o mar as velhas tias as iniciações os exílios as
prisões as cicatrizes o jeito
o ainda
a possibilidade o além
as histórias
o não o longe
a noite a criança o pecado o anjo
o mesmo
o próximo o mal a
presença o veneno a forma
o medo
os meses o
sempre o jogo
as regras as estranhas

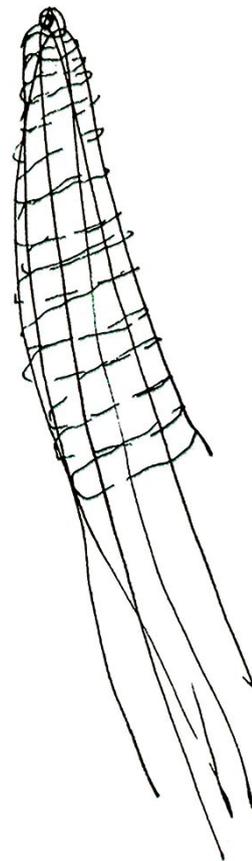
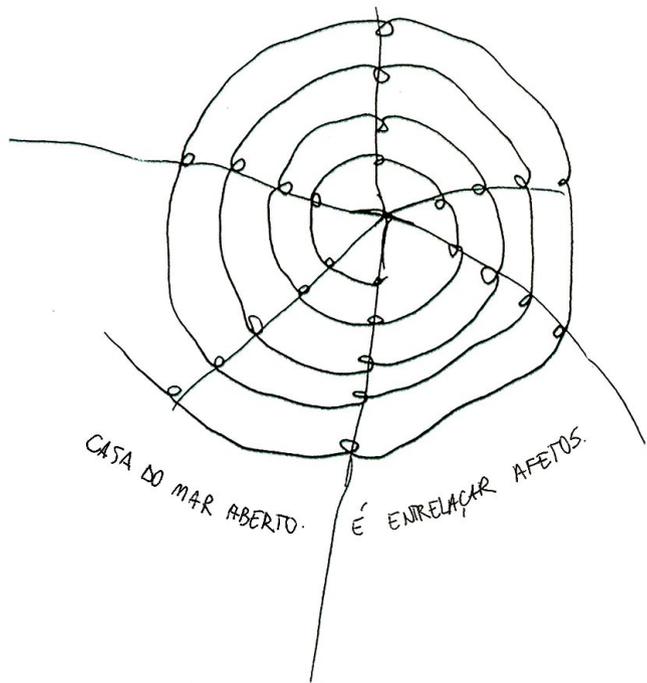
compactuar com teus medos que não decifro, a aceitá-los como um cão faminto
 aceita um osso descarnado, essas migalhas que me vais jogando entre as palavras
 e os pratos vazios, torno sempre a voltar, talvez penalizado do teu olho que não se
 debruça sobre nenhum outro assim como sobre o meu, temendo a faca, a pedra, o
 gume das tuas histórias longas, das tuas memórias tristes, cheias de corredores
 mofados, donzelas velha trancadas em seus quartos, balcões abertos sobre
 ruazinhas onde moças solteiras secam o cabelo, exibindo os peitos, tornarei sempre
 a voltar porque preciso desse osso, dos farelos que me têm alimentado ao longo
 deste tempo e choro sempre quando os dias terminam porque sei que não nos
 procuraremos pelas noites, quando o meu perigo aumenta e sem me conter te
 assaltaria feito um vampiro faminto para te sangrar enquanto meus dentes
 penetrando nas veias de tua garganta arrancassem do fundo essa vida que me
 negas delicadamente, de cada vez que me procuras e me tomas, contudo me
 enveneno mais quando não vens e ninguém então me sabe parado feito velho num
 resto de sol de agosto, escurecido pela tua ausência, e me anoiteço ainda mais e
 me entrevo tanto quando estás presente e novamente me tomas e me arrancas de
 mim me desguiando por esses caminhos conhecidos onde atrás de cada palavra
 tento desesperado encontrar um sentido, um código, uma senha qualquer que me
 permita esperar por um atalho onde não desvies tão súbito os olhos, onde teu dedo
 não roce tão passageiro no meu braço, onde te detenhas mais demorando sobre
 isso que sou e penses que sabe que se aceito tuas tramas, e vomitas sobre mim, e
 depois puxa a descarga e te vais, me deixando repleto dos restos amargos do que
 não digeriste, mas mesmo assim penses que poderias aceitar também meus jogos,
 esses que não proponho, ah detritos, mas tudo isso é inútil e bem sei de como tenho
 tentado me alimentar dessa casca suja que chamamos com fome e pena de
 pequenas-esperanças, enquanto definho feito um animal alimentado, apenas com
 água, uma água rala e pouca, não essa densa espessa turva do mar de que me
 falaste no começo da tarde que agora vai-se indo devagar atrás das minhas costas,
 e parado aqui do teu lado, sem que me vejas, lentamente afio as pedras e as facas
 do fundo das minhas pupilas, para que a noite não me encontre outra vez insone,
 recomponho sozinho um por um dos teus traços, dos teus pêlos, para que quando
 esses teus olhos escuros e parados como as águas do mar de inverno na praia
 onde talvez caminhos ainda, enquanto me adentro em gumes, resvalaram outra vez
 pelos meus, que seu fio esteja tão aguçado que possa rasgar-te até o fundo, para
 que te arrastes nesse chão que juncamos todos os dias de papéis rabiscadas e
 pontas de cigarro, sangrando e gemendo, a implorar de mim aquele mesmo gesto
 que nunca fizeste, e nem sempre sei exatamente qual seria, mas que nos
 arrancasse brusco e definitivo dessa mentira gentil onde não sei se deliberados ou
 casuais afundamos pouco a pouco, bêbados como moscas sobre açúcar, melados
 de nossa própria cínica doçura acovardada, contaminado por nossa falsa pureza,
 encharcados de palavras e literatura, e depois nos jogasse completamente nus, sem

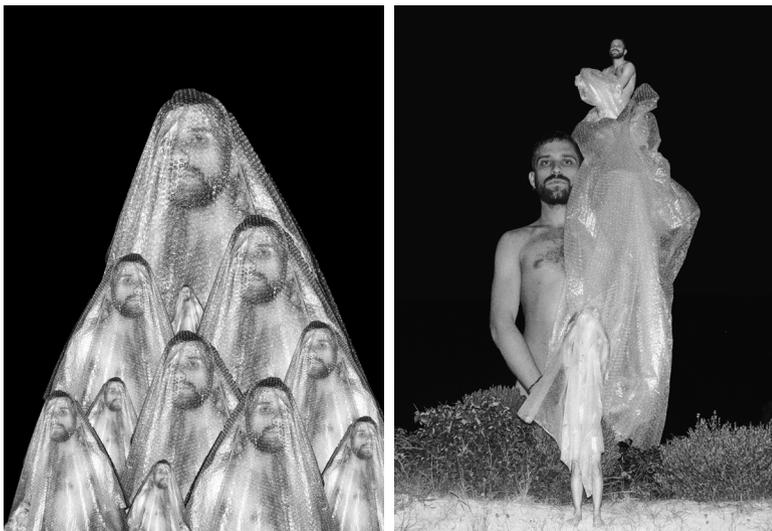
o cão o
 osso as migalhas as palavras
 os pratos o sempre o talvez o eu
 o outro a faca a pedra o
 gume as histórias longas as memórias as dores
 o s quartos a s
 ruazinhas as solteiras o cabelo os peitos
 a volta os farelos
 o choro os dias
 as noites o perigo
 o vampiro
 as veias a garganta o fundo a vida
 o sol de agosto o ninguém o velho
 a ausência
 o presente
 os conhecidos a palavra
 o sentido a senha
 o atalho os olhos o dedo
 o passageiro o braço
 a descarga as tramas os restos
 o s meus jogos
 o inútil
 a casca a fome
 as esperanças o animal a
 água a água o mar
 o começo a tarde
 o aqui as pedras as facas
 o fundo as pupilas a noite os traços os pêlos o
 s olhos escuros as águas o mar de inverno a praia
 o fundo
 os dias as
 pontas o gesto
 o definitivo a mentira
 os os bêbados o açúcar
 a doçura a pureza
 a s palavras o s nus

nenhuma história, sem nenhuma palavra, nessa mesma beira de mar das costas da tua terra, e de novo então me vens e me chegas e me invades e me tomas e me pedes e me perdes e te derramas sobre mim com teus olhos sempre fugitivos e abres a boca para libertar novas histórias e outra vez me completo assim, sem urgências, e me concentro inteiro nas coisas que me contas, e assim calado, e assim submisso, te mastigo dentro de mim enquanto me apunhalas com lenta delicadeza deixando claro em cada promessa que jamais será cumprida, que nada devo esperar além dessa máscara colorida, que me queres assim porque é assim que és e unicamente assim é que me queres e me utilizas todos os dias, e nos usamos honestamente assim, eu digerindo faminto o que teu corpo rejeita, bebendo teu mágico veneno porco que me ilumina e me anoitece a cada dia, e passo a passo afundo nesse charco que não sei se é o grande conhecimento de nós ou o imenso engano de ti e de mim, nos afastamos depois cautelosos ao entardecer, e na solidão de cada um sei que tecemos lentos nossa próxima mentira, tão bem urdida que na manhã seguinte será como verdade pura e sorriremos amenos, desviando os olhos, corriqueiros, à medida que o dia avança estruturando milímetro a milímetro uma harmonia que só desabarà levemente em cada roçar temeroso de olhos ou de peles, os gelos, os vermes roendo os porões que insistimos em manter até que o não-feito acumulado durante todo esse tempo cresça feito célula cancerosa para quem sabe explodir em feridas visíveis indisfarçáveis, flores de um louco vermelho na superfície da pele que recusamos tocar por nojo ou covardia ou paixão tão endemoniada que não suportaria a água benta de seu próprio batismo, e enquanto falas e me enredas e me envolve e me fascinas com tua voz monocórdia e sempre baixa, de estranho acento estrangeiro, penso sempre que o mar não é esse denso escuro que me contas, sem palmeiras nem ilhas nem baías nem gaivotas, mas um outro mais claro e verde, num lugar qualquer onde é sempre verão e as emoções limpas como as areias que pisamos, não sabes desse meu mar porque nada digo, e temo que seja outra vez aquela coisa piedosa, faminta, as pequenas-esperanças, mas quando desvio meu olho do teu, dentro de mim guardo sempre teu rosto e sei que por escolha impossível recuar para não ir até o fim e o fundo disso que nunca vivi antes e talvez tenha inventado apenas para me distrair nesses dias onde aparentemente nada acontece e tenha inventado quem sabe em ti um brinquedo semelhante ao meu para que não passem tão desertas as manhãs e as tardes buscando motivos para os sustos e as insônias e as inúteis esperas ardentes e loucas invenções noturnas, e lentamente falas, e lentamente calo, e lentamente aceito, e lentamente quebro, e lentamente falho, e lentamente caio cada vez mais fundo e já não consigo voltar à tona porque a mão que me estendes ao invés de me emergir me afunda mais e mais enquanto dizes e contas e repetes essas histórias longas, essas histórias tristes, essas histórias loucas como esta que acabaria aqui, agora, assim, se outra vez não viesses e me cegasses e me afogasses nesse mar aberto que nós sabemos que não acaba assim nem agora nem aqui.

a história a beira as costas
a terra o s olhos
a boca as histórias as
urgências as coisas
o dentro a
delicadeza a promessa a máscara
os dias
o corpo o
mágico a noite
o imenso
engano o depois a solidão
a próxima mentira a
manhã seguinte a verdade os olhos
o dia o milímetro a
harmonia os olhos
os gelos o não-feito
o tempo
as flores o vermelho
a pele o nojo a paixão
a água a s falas
a voz o
acento o mar o escuro
as ilhas as gaivotas o
verde o verão as emoções as
areias o mar
as pequenas-esperanças
o olho o rosto
o impossível o fim o fundo o nunca
o s dias
o brinquedo
os sustos as insônias as as tardes o motivo
esperas as invenções
noturnas o fundo
a mão
a s contas as histórias longas
as tristes as loucas o agora
o mar aberto
o aqui.

Fui na venda comprar limão, um All Star vermelho, uma chuca, um Tupperware, um gudanzinho, uma barafunda de manhãs e só trouxe vento na conversa, para se dormir o sono de Cronos. Eu sei que o mar não cabe no Tupperware e já fumou todos os gudanzinhos, o mar espia pelas frestas do tempo e faz festa só com um pé do All Star velho. A única certeza que tenho é de que o mar é vermelho, enquanto a onça late de frente para a varanda, na beira da madrugada.

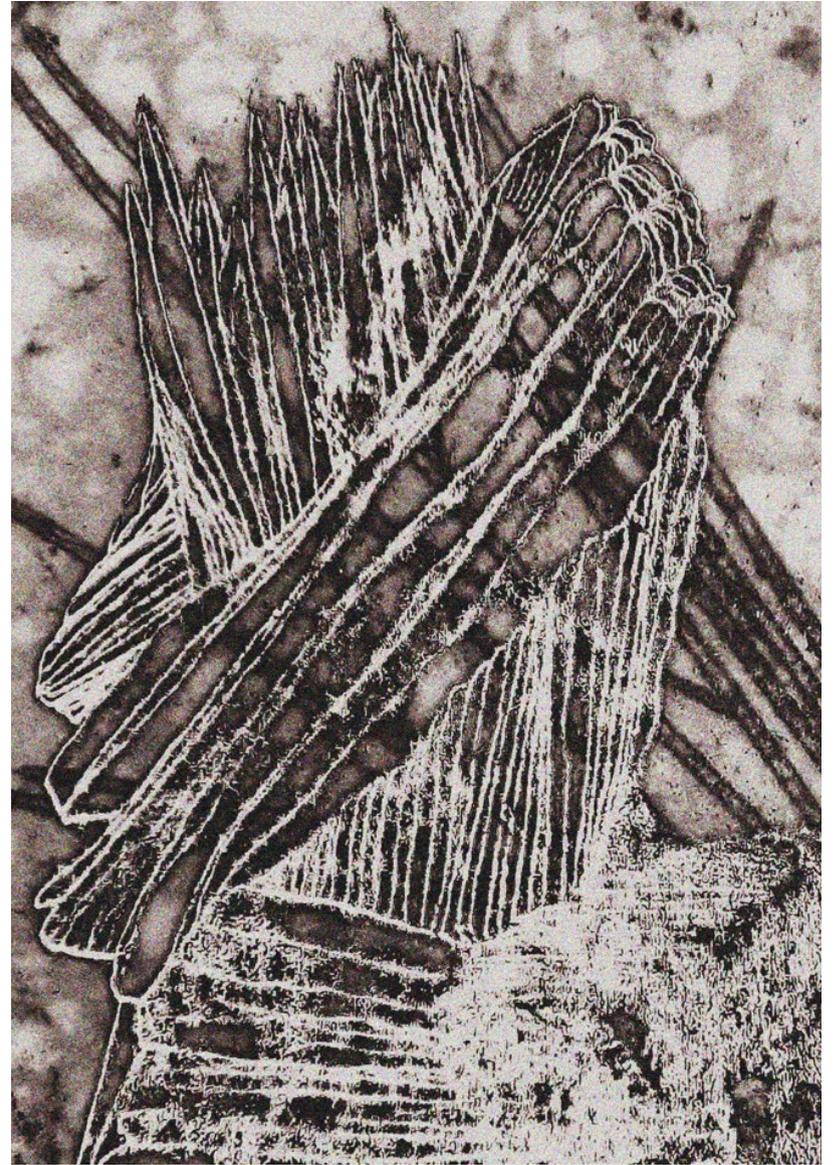


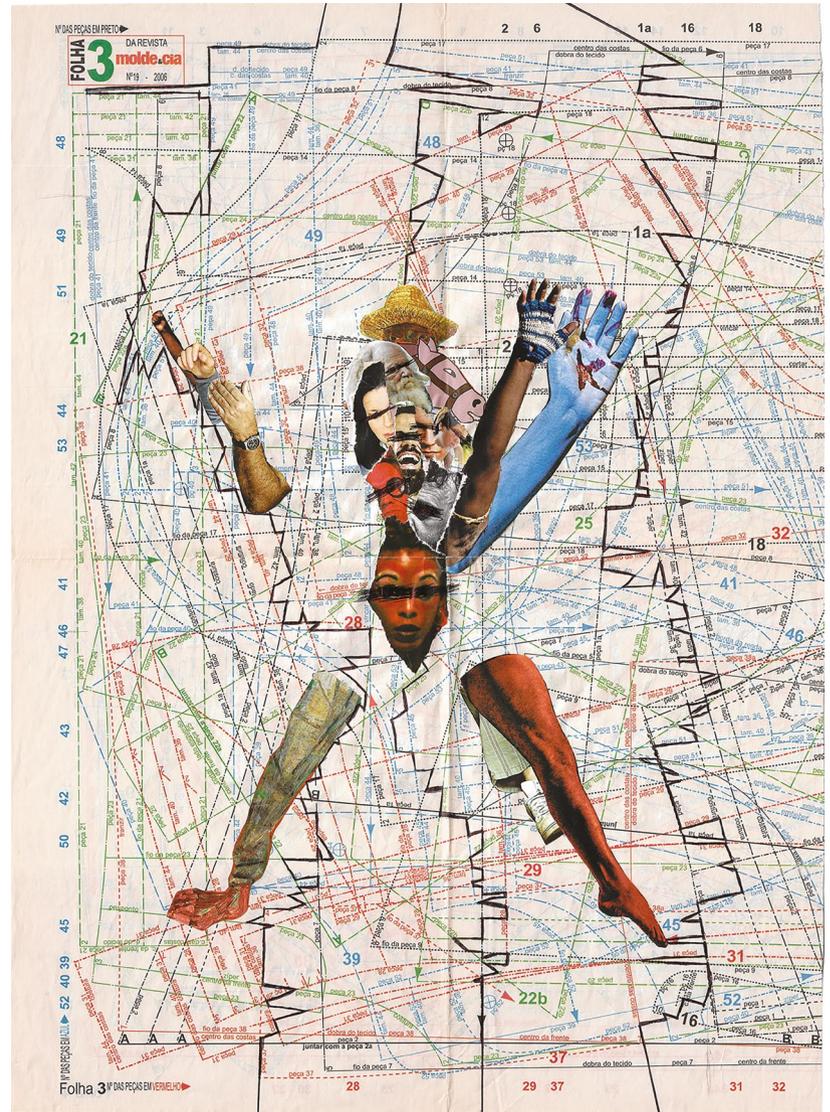


A oportunidade de se fazer presente na Casa do Mar Aberto me propiciou dar vazão ao meu propósito inicial quando comecei a fotografar: o registro de processos, sejam eles de múltiplas naturezas. Enquanto o ambiente praiano e estimulante de inúmeras possibilidades me foi colocado, me vi hesitante e acoado entre tantas escolhas possíveis; primeiro, por não ter experiência e, segundo, por não fazer parte da “cena artística”. Logo em seguida, me falei: estúpido. Quem detém o fazer artístico? Esse tipo de questão estava fora de cogitação, mesmo que, vez ou outra, elas pairassem como nuvens carregadas, chuvas rápidas e cortantes, ventos vigorosos. É absorver e ser absorvido. Então, assumi a ignorância do saber-fazer, ou melhor, do não saber-fazer. Na ânsia de um resultado acabado, finalizado, deixava de lado o essencial na elaboração estética. Muito mais da apropriação de um conceito, a experimentação, na prática, do fazer se sobrepunha ao desejo de uma finalização.

E foi nas trocas, conversas, carinhos, afetos, sabores, odores e saberes, que fui identificando minhas próprias etapas do processo de fotografar. Ao tentar identificar como se desenvolviam as ações (e elaborações) da (e pela) prática do fazer, daqueles e daquelas que comigo compartilhavam o espaço (ah, heterotopias necessárias), imergi em outros espaços já contidos pelos respectivos corpos presentes. Imersões que ainda reverberam. Na minha inércia, enquanto participante da Casa, fui levado pelo Gabriel ao simples fazer pelo fazer. E, depois de alguns meses, cheguei a um “resultado” do qual me orgulho. Aqui, exponho duas colagens advindas de fotoperformances feitas na escuridão da praia, areia e mato. Emergem, assim, uma sobreposição de tentativas, com nudez, (des)arranjada pela conquista, temperada por áudios de whatsapp e finalizada (?) por uns cliques no mouse.

LUCRÔMETRO





uma casa nunca é só uma casa
uma casa nunca é só abrigo ou proteção
por si só, uma casa é só um monte de concreto e espaços vazios
e neste sentido, falar de uma casa é falar de pessoas também
uma casa não te abriga e te protege só,
mas dentro de uma totalidade daquilo tudo que permite a casa ser casa
ser recebido em casa, e não pela casa
estar em casa, e não na casa
ser e estar são condições compartilhadas, dentro deste limite chamado de casa
mas é um limite que aceitamos, onde queremos estar
abrigo, proteção, concreto e espaços vazios, pessoas,
e todo o mais, que podemos ativar num lugar que não é só casa,
se não uma junção daqueles que se importam.
risquei no mapa onde estar em casa.



Somos paisagens ambulantes, que formam nuances, cada um em seu mergulho artístico. E a junção de vertentes possibilita o estado de fusão e abertura de novos caminhos. Sendo assim, a porta de entrada do mar é os cinco sentidos. É o tato dos pés, é a visão do horizonte, a audição e o olfato gerados pelo vento. Por fim, o paladar do sal em demasia. Não existe nada igual ao mar. Nada.

Cruzando alguns quilômetros, para chegar até a Casa do Mar Aberto, me deparo com uma vista incrível que faz os olhos água e as distâncias se distraem, viram plenitude ou algo como “descobri um lugar especial”.

As motivações para a ida: esse encontro entre nosostros, essa imersão artística, era o que eu precisava pra recarregar minhas energias, ver como outros fluem em suas técnicas escolhidas; alguns na frequência das etapas e zelos pelas gravuras; outros pelas camadas e sobreposições do pastel oleoso; gente trazendo a delicadeza de bordados e aquarelas; e em enredando isso tudo... um silêncio confortável, daqueles que somente a presença é capaz de preencher, do estar ali produzindo com calma, novos traços e possibilidades de expressão. Há muito diálogo e poesia na produção artística.

O mergulho é a arte de encontrar. De costurar a existência nas águas. A fluidez é nada mais do que ir. Descobrir onde os rastros das areias levam. Não deixar nenhum papel em branco. Que ele seja manifesto de expressão. Seja memória de passagem. Deslocamento para o autoconhecimento. A arte é mar aberto. É correnteza que nos move rapidamente. E o movimento gera energia. Faz com cada corpo vire um barco. Em trânsito. A arte é transmutação.

A luz
Talvez

Faça
Algum

Sentido
Quando

Noite
Alta

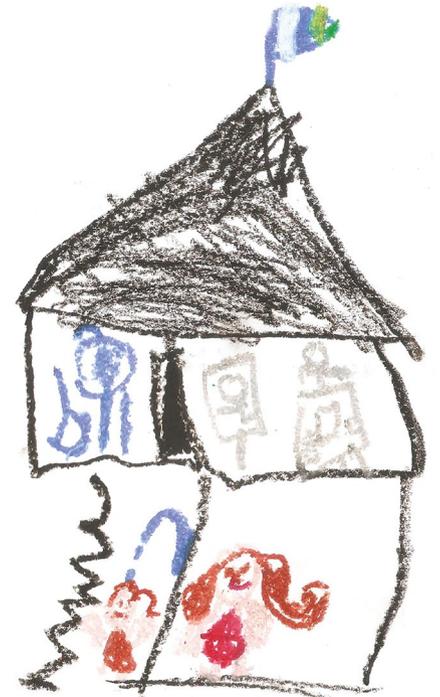
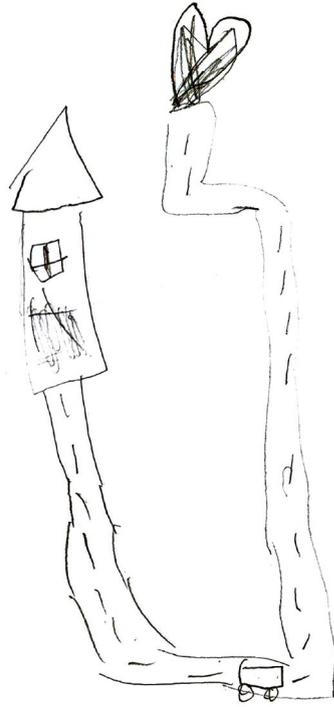
Nada
Mais

Restar
A não ser

No chão
Dobraduras

Turcas
E bolas

De bilhar





LISTA DE PRESENÇAS

são pedro d'aldeia **leticia novaes**, pág. 21
a casa e a família **lucélia s. stähelin**, pág. 32
a casa e a praia **joão otávio stähelin**, pág. 33
gingham **sofia brightwell**, pág. 75
sem título **jorge bucksdricker**, págs. 83, 127 e 131
marabrindo a manhã sem usar faca **telma scherer**, págs. 85, 96 e 111
pontas soltas e sedimentos **gabriel villas**, pág. 87
dois de fevereiro **sebastião gaudêncio**, pág. 89
esse suspiro **rata**, págs. 90 e 91
espaço imantado **sarah uriarte** e **kim coimbra**, pág. 93
sem título **natalia seeger**, pág. 95
receita [116] de um desconhecido, pág. 97 e 98
diálogos sobre arte e política **silfarlem oliveira**, pág. 100
mar noturno **gustavo reginato**, pág. 102
não música **guilherme gregianin**, pág. 103
à beira do mar aberto **caio fernando abreu**, págs. 104, 106 e 108
à beira do mar aberto **marcos walickosky**, págs. 105, 107 e 109
sem título **anna moraes**, págs. 112 e 113
casa do mar em aberto **phellipe rave**, págs. 114 e 115
lucrômetro, medindo diariamente, em tempo real, o impacto
do lucro no preço da vida **silfarlem oliveira**, pág. 117
ser ruinado **fabio luis**, pág. 119
mapa **julio gabriel**, pág. 121 e 122
casa do mar aberto **mitti mendonça**, págs. 124 e 125
sobre amigos **clara moraes**, pág. 129

na casa-casa mesmo, 2019. encontro 1 (janeiro): anna moraes, fellipe lopes, isadora stähelin, kari cahill, sebastião gaudêncio, silvio brunno. encontro 2 (fevereiro): anna moraes, isadora stähelin, julio gabriel, natalia seeger, rafaela maria martins, sebastião gaudêncio. encontro 3 (março): carolina moraes, isadora stähelin, sebastião gaudêncio, silfarlem oliveira, telma scherer. encontro 4 (abril): fabio luis, francis pedemonte, gabriel villas, guilherme gregianin, gustavo reginato, isadora stähelin, isadora souza, jazzica rafaela, louise salome, maitê nolasco, marcos walickosky, phelippe rave, rafaela maria martins, sebastião gaudêncio, sofia brightwell. encontro 5 (maio): anna moraes, bill [crivo], clara moraes, gabriel villas, isadora stähelin, jorge bucksdricker, kim coimbra, marcos walickosky, mariana berta, rafaela maria martins, rata [crivo], sarah uriarte, sebastião gaudêncio, telma scherer. encontro 6 (junho): bruna ribeiro, carolina dias, gabriel villas, isadora stähelin, jorge bucksdricker, mitti mendonça, sebastião gaudêncio, telma scherer. encontro 7 (julho): guilherme gregianin, isadora stähelin, jorge bucksdricker, sebastião gaudêncio, telma scherer.
acervo: [instagram.com/casadomaraberto](https://www.instagram.com/casadomaraberto)

agradecer no final (quando o mar sara, a visita sauda, o texto cessa)

sandra favero pela orientação sensível e leve, pelo acolhimento e escuta dos meus recuos, desvios e mergulhos. admiráveis raquel stolf, mônica hoff, rodrigo gonçalves, lia krucken e regina melim por aceitarem participar desse processo e contribuírem com suas leituras. sebastião g. pelos dengos, apoio, presença e participações em todas as etapas. mãe, pai e irmãs pelo trabalho de construção diária de um ninho, por abrirem as portas da casa comigo e oferecerem suas vozes amorosas à pesquisa, contribuindo também com relatos e fotos. anna Moraes, bill, bruna ribeiro, carolina dias, carolina Moraes, clara Moraes, fabio Luis, feliipe lopes, francis pedemonte, gabriel villas, guilherme gregianin, gustavo reginato, isadora souza, jazzica rafaela, jorge bucksdricker, julio gabriel, kari cahill, kim coimbra, louise salome, maitê nolasco, marcos walickosky, mariana berta, mitti mendonça, natalia seeger, phelippe rave, rafaela maria martins, rata, sarah uriarte, silfarlem oliveira, silvio brunno, sofia brightwell e telma scherer: pelo convívio e aproximações na casa do mar aberto e pela generosidade de escreverem este trabalho comigo, de muitas formas. patrícia galelli pelo encorajamento na escrita e os textos que emergiram escrevendo antes de esquivar. marcos w., de novo, pelo olhar atento e sugestões. amigos do recanto bar e cota's: muitos já citados aqui + gabi bresola, flavia person, iam campigotto / andré junckes, gabi amorim, fer ferzola, julio bonckewitz: sem os nossos aglomerados, abraços e rodadas de litrão (pré-pandemia), a pesquisa não seria possível. sil saldanha e fran favero pelas conversas de incentivo ao processo de pesquisa e mestrado. paula, por auxiliar e acompanhar a soltura dos meus nós e a tessitura da escrita. dimitri, por me mostrar o potencial articulador e colaborativo dos meus nodos norte e sul. canabarro, pela leitura oracular e orientação de sempre trabalhar com afetos, chorar perto do mar e escrever sem medo. a udesc, ao programa de pós-graduação em artes visuais, as demais professoras e colegas do programa e a capes por possibilitarem esta pesquisa (viva a luta por universidades públicas, gratuitas, acessíveis e de qualidade).







maria-farinha, suas garras, zigue-zague e toca; pessoas que cultivam pequenezas como religião; moluscos, sua lentidão e casa-corpo-refúgio; pessoas que fazem-o-que-gostam e conseguem bancar os poréns; pessoas que fazem-o-que-gostam e tentam bancar os poréns; pessoas inconformadas com-tudo-isso-aí; pessoas que mergulham e atravessam os próprios abismos; erros, falhas e buracos; plantas da restinga, habitantes da faixa entre a cidade e mar; pessoas que propõe o lado respirável do mundo; pessoas que transformam o que já não dá mais; quimera, peixe-olhos de barril, peixe-granadeiro e outros seres esquisitos, que conseguem habitar lugares hostis aos predadores, nas profundezas do oceano.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Leonardo; COLOMBINI, Gustavo; DIETRICH, Máira; LAURIANO, Jaime; LIMA, Ana Luisa; **Carta de intenção**. Campinas: edição de autor, 2013.
- BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CAMPBELL, Brígida. **Exercícios para a liberdade**: São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.
- FAJARDO-HILL, Cecília; GIUNTA, Andrea. **Mulheres radicais: arte latino-americana, 1960 - 1985**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.
- FAVERO, Sandra Maria Correia. **Estuário**. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais). Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2015.
- FRANZ, Pedro. **Minha Madri**. Florianópolis: par(ent)esis, 2019.
- GOGAN, Jessica; MORAIS, Frederico. **Domingos da criação**: uma coleção poética do experimental em arte e educação. Rio de Janeiro: Intituto MESA, 2017.
- INGOLD, T. **Trazendo as coisas de volta à vida**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan/jun. 2012.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LEMOS, Beatriz (Org.). **Lastro em campo - Percursos ancestrais e cotidianos**. São Paulo: SESC Consolação, 2016.
- LEMOS, Beatriz (Org.). **Travessias ocultas - Lastro Bolívia**. São Paulo: SESC Bom Retiro, 2018.
- MACHADO, Helena Cristina F. **A construção social da praia**. in: Cadernos do Noroeste.. Sociedade e Cultura. Braga: Universidade do Minho, 2000.
- MELIM, Regina. **Entre a especificidade e a mobilidade do lugar**. Revista Número, São Paulo, p. 16 - 17, 01 abr. 2004.
- MELIM, Regina. **Exposições impressas**. In: Derdyk, Edith (org.). Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2013.
- MONTEMEZZO, João Felipe. **Encantismados**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais). CEART, Florianópolis, 2018.
- NAVARRO, Luana (org). **Biblioteca para corpos em expansão**. Curitiba: Cigarra, 2016.
- NAVARRO, Luana. **Corpo sem sinônimo**. Curitiba: Cigarra, 2016.
- NOVAES, Letícia. **Zaralha: abri minha pasta**. Rio de Janeiro: Editora Guarda-chuva, 2015.

NUNES, Kamilla. **Embarcação**. Dissertação (Mestrado em Processos Artísticos Contemporâneos). Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Florianópolis, 2018.

NUNES, Kamilla. **Espaços autônomos de arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2013.

PAULS, Alan. **A vida descalço**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PEREC, Georges. **Lo infraordinario**. Buenos Aires: Editora Eterna Cadencia, 2013.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. N-1 Edições, 2018.

SCHROEDER, Carlos Henrique. **As fantasias eletivas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

STOLF, Raquel. **Entre a palavra pênsl e a escuta porosa** [investigações sob proposições sonoras]. 2011. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

INTERNET

<https://www.patriciaaraujo.me/Desfazendo-em-ilha>>

<https://mariladardot.com/artwork/diario-diary/>,

<https://piseagrama.org/estamos-condenados-a-sobreviver/>>

<https://cargocollective.com/fernandaporto>

<https://www.lauragorski.com>

<https://www.jonasarrabal.com>

<https://www.artepraia.com>

<https://www.youtube.com/watch?v=HYCW2orQaFM>

<https://www.raquelstolf.com/?p=3861>>

<https://vimeo.com/waleriaamerico>

<http://www.juliananotari.com/mimoso/>

<https://www.filipeacacio.com/O-farol-a-parede-o-porto>

<https://www.instagram.com/ygorlandarin/>

https://www.instagram.com/vapor_praia

<https://issuu.com/jornaldozinga>

CASA DO MAR ABERTO

concepção, organização, texto isadora stähelin
projeto gráfico ana carolina lima e isadora stähelin
sc, brasil 2020